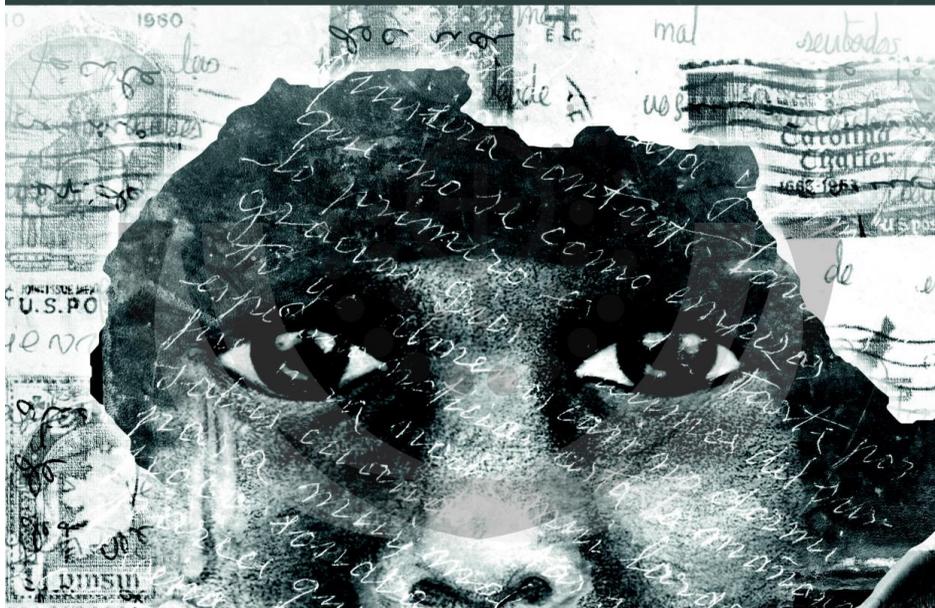


DOMINGO XXXIII C TEMPO COMUM  
VI DIA MUNDIAL DOS POBRES



JESUS CRISTO  
FEZ-SE POBRE  
POR VÓS!  
(2 COR 8, 9)

A POBREZA  
DE CRISTO  
É A NOSSA FIEL  
COMPANHEIRA DE VIDA?!

## RITOS INICIAIS

### Procissão de entrada | Cântico de entrada | Saudação inicial | Monição inicial

**P.** Celebramos hoje o 6.º Dia Mundial dos Pobres. São de esperança e confiança as palavras do Profeta Malaquias, que denuncia os soberbos e malfeitores e anuncia o raiar do *sol de justiça e da salvação*, para quantos honram o seu nome de filhos de Deus. Deus não dorme e os pobres são os seus eleitos! Na sua Mensagem para este dia, o Papa Francisco lembra-nos o exemplo de Jesus, “que sendo rico, Se fez pobre, para nos enriquecer com a sua pobreza” (2 Cor 8, 9). E recorda-nos como, desde o princípio, a celebração da Eucaristia e o compromisso com os mais pobres caminham de mãos dadas. Deixemos então que a Palavra de Deus nos interpele a abraçar o presente, não com medo e desconfiança, mas de braços abertos ao testemunho e sempre prontos para o trabalho. Pelas vezes, em que o medo ou a indiferença nos paralisaram, invoquemos a misericórdia do Senhor.

### Kyrie

**P. Senhor, Rei do Universo, em cujas mãos está o futuro do homem e do Universo,** Senhor, tende piedade de nós! **R.** Senhor, tende piedade de nós!

**P. Cristo, Verdadeiro Sol, cujos raios nos dão a vida (LF 1),** Cristo, tende piedade de nós! **R.** Cristo, tende piedade de nós!

**P. Senhor, Verdadeiro Templo do encontro com Deus,** Senhor, tende piedade de nós! **R.** Senhor, tende piedade de nós!

### Hino do Glória (rezado) | Oração coletiva

## LITURGIA DA PALAVRA

## HOMILIA NO XXXIII DOMINGO COMUM C 2022

1. «**Abraça o presente**» tem sido o fio condutor do nosso caminho, desde o início do ano pastoral. E é um desafio, cheio de atualidade, frente à tentação de nos deixarmos amarrar ao passado ou de nos deixarmos paralisar e angustiar com o medo do futuro. Quando escutávamos hoje o Evangelho, até parecia que este deixou de ser Boa-nova e se transformou num telejornal, com um rol de desgraças à vista. Mas não. Jesus não quer assustar-nos com o fim da história, da vida, do mundo... tampouco quer anunciar o dia e a hora. Mais do que o fim, Jesus quer ajudar-nos a entender a finalidade da história. Tudo se encaminha, entre avanços e recuos, segundo um desígnio de amor, até alcançarmos os novos céus e a nova terra. As imagens terríveis e assustadoras pertencem ao passado, ao presente e ao futuro dos nossos dias deste nosso mundo sempre em mudança. Nada de novo debaixo do sol. Mesmo a grave crise que vivemos na Igreja não é o fim da mesma; têm esta finalidade de a purificar, de a renovar, de a reconduzir às origens, a Cristo. **O nosso mundo em mudança não deve nunca assustar-nos. Deve comprometer-nos.** Esse é o desafio. O desafio da transformação.

2. Por isso, Jesus concretiza este «*abraça o presente*» com estas palavras: “**tereis ocasião de dar testemunho**” (Lc 21,13). E porque o tempo é longo e lentos são os processos de mudança nas pessoas, é preciso muita paciência, perseverança, resistência, capacidade de dar tudo, de dar a própria vida. Neste sentido, a ocasião, o tempo presente, não faz só o ladrão, o oportunista. **A ocasião também faz o cristão**, também é oportunidade! Tenhamos ou não algum compromisso pastoral na paróquia, tenhamos ou não alguma função pública na comunidade, em todo o caso e sempre, todos e sem exceção, são chamados a dar testemunho da esperança e da confiança na presença de Deus, que nunca nos abandona. Como? **Empenhando-nos, rezando e trabalhando, com amor, dando o melhor, por uma Igreja renovada, por um mundo novo.** Assumamos o desafio do Testemunho.

3. São Paulo traduzia esta ocasião num desafio muito concreto: **“quem não quer trabalhar também não coma”** (2 Ts 3,10). Os Tessalonicenses estavam iludidos com a ideia de que estaria para muito breve a última vinda do Senhor. E, por isso, não queriam fazer nada. Nós, como eles, à vista das desgraças, pensamos que já estamos *no fim do mundo*. Não. É sempre um mundo velho que acaba e um mundo novo que começa. Por isso, a ordem do Apóstolo serve para todos os tempos, nomeadamente para os cristãos que não se querem comprometer e podia traduzir-se assim: *«quem não quer trabalhar, na Igreja ou no mundo, também não coma o pão da Eucaristia, não coma o pão de cada dia»!* Muitos de nós vivemos uma fé reduzida a ócio ou a negócio, a um consumo religioso de fim de semana e segundo o próprio interesse. *«Abraça o presente»* quer dizer, **«encontra a tua alegria no serviço, testemunha com a força dos teus braços e abraços, com o teu trabalho e a tua ternura, com o empenho e o amor de cada dia, que é possível edificar uma Igreja mais bela e um mundo mais justo»!** Toca a trabalhar.

4. **“Quem não quer trabalhar também não coma”** (2 Ts 3,10). Neste 6.º Dia Mundial dos Pobres, não posso deixar de recordar que também há pobres, mesmo entre os que trabalham arduamente. Isto acontece *“quando deixa de haver salário justo, horário justo de trabalho e se criam novas formas de escravidão, suportada por pessoas que, sem alternativa, devem aceitar este veneno de injustiça, a fim de ganhar o mínimo para comer”* (Papa Francisco, Mensagem para o 6.º DMP). E às vezes, nem isso conseguem. *«Abraça o presente»* significa *«olha para os pobres, toma a peito, e nos teus braços, as suas dificuldades, vê-os como irmãos, que te libertam e desafiam a uma vida mais sóbria e solidária»*. *“No caso dos pobres, não servem retóricas, é preciso arregaçar as mangas e pôr em prática a fé através de um envolvimento direto, que não pode ser delegado em ninguém”* (Ibidem), nem substituído por outra preocupação, que julgamos prioritária. Este é o nosso primeiro campo de missão. Façamos da pobreza de Jesus Cristo *“a nossa fiel companheira de vida”*. Porque esta é a pobreza que realmente nos torna ricos!

## **Credo**

**P.** Credes em Deus Pai, que cria o mundo e o governa com justiça e misericórdia?

**R.** Sim, creio!

**P.** Credes em Jesus Cristo, Verdadeiro Sol, cujos raios nos dão a vida?

**R.** Sim, creio!

**P.** Credes no Espírito Santo, fogo de amor, em que opera o querer e o agir de Deus?

**R.** Sim, creio!

**P.** Credes na Igreja, mártir e perseguida, fiel testemunha da alegria do Evangelho?

**R.** Sim, creio!

**P.** Credes na salvação oferecida por Deus a todos os Seus filhos?

**R.** Sim, creio!

## Oração dos Fiéis | VI Dia Mundial dos Pobres

**P.** Com o olhar fixo em Jesus, que, «sendo rico, Se fez pobre por vós, para vos enriquecer com a sua pobreza» (2 Cor 8, 9), confiemos a Deus Pai as preces da Igreja e da Humanidade. Digamos a cada prece:

### **R. Senhor, enriquecei-nos com a Vossa pobreza!**

1. Pela Santa Igreja: para que nunca esqueça os pobres e luta com a força dos seus braços para que a nenhum irmão ou irmã falte o necessário. Oremos.
2. Pelos governantes: para que promovam políticas sociais não *para* os pobres, mas *com* os pobres e *dos* pobres, a fim de que prevaleça a igualdade de oportunidades e a justa repartição dos bens. Oremos.
3. Pelos educadores: para que formem as novas gerações na prática feliz da solidariedade, a partir de uma vida mais sóbria e simples. Oremos.
4. Pelas pessoas ricas de bens materiais: para que não façam do dinheiro um absoluto, que as impede de reconhecer as necessidades dos outros e as conduz a uma visão efémera e falhada da vida. Oremos.
5. Pelos membros da nossa comunidade, comprometidos com os mais pobres, doentes, sós e sem-abrigo: para que saibam, à imagem de Jesus, fazerem-se pobres com os pobres, irmãos e companheiros deles. Oremos.
6. Por todos nós: para que lutemos contra a pobreza da miséria, que humilha e mata, e façamos da pobreza de Cristo a nossa fiel companheira de vida. Oremos.

**P.** Deus onipotente e misericordioso, que atendeis com benigna providência às necessidades de todas as criaturas, fazei que amemos eficazmente os nossos irmãos mais pobres, de modo que, não lhes faltando o pão de cada dia, possam servir-Vos na tranquilidade e na paz. Por Cristo, nosso Senhor.

**R.** Ámen.

## LITURGIA EUCARÍSTICA

### **Monição no momento do ofertório:**

**Monitor:** Irmãos e irmãs: Durante a celebração da Santa Missa, colocamos em comum as nossas ofertas, para que a comunidade possa prover às necessidades dos mais pobres. É um sinal de que os cristãos sempre cumprem com alegria e sentido de responsabilidade a partilha, para que a nenhum irmão e irmã falte o necessário. Esta é uma prática muito antiga na Igreja. Já o testemunhava, no século II São Justino, ao descrever a celebração dominical dos cristãos:

**Texto a vermelho pode omitir-se**

«No dia do Sol, como é chamado, reúnem-se num mesmo lugar os habitantes, quer das cidades quer dos campos, e leem-se, na medida em que o tempo o permite, ora os comentários dos Apóstolos ora os escritos dos Profetas. (...) Seguidamente, a cada um dos presentes se distribui e faz participante dos dons, sobre os quais foi pronunciada a ação de graças, e dos mesmos se envia aos ausentes por meio dos diáconos. Os que possuem bens em abundância dão livremente o que lhes parece bem, e o que se recolhe põe-se à disposição daquele que preside. Este socorre os órfãos e viúvas e os que, por motivo de doença ou qualquer outra razão, se encontram em necessidade, assim como os encarcerados

e hóspedes que chegam de viagem; numa palavra, ele toma sobre si o encargo de todos os necessitados» (São Justino, Primeira Apologia, LXVII, 1-6).

Façamos deste gesto, uma forma de nos tornarmos mais pobres com os pobres, na certeza de que esta é uma pobreza que nos enriquece.

**Recolha das ofertas | Apresentação dos dons | Cântico de ofertório | Oração sobre as oblatas | Prefácio | Santo | Oração Eucarística V-4 | Ritos da Comunhão**

## **RITOS FINAIS**

**Agenda pastoral – cf. folha dominical | Bênção | Despedida**

**P.** Um dia perguntaram a Madre Teresa: “O que pensa de Deus, quando vê este mundo cheio de injustiças, de solidão, de tragédias?”. Ela respondeu, de imediato: “*Só penso numa coisa: fazer algo de concreto, para que este mundo se torne melhor*”. Ide e fazei o mesmo.

**Diácono:** Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe! **R.** Graças a Deus.



**Abraça o presente**

PARÓQUIA DE NOSSA  
SENHORA DA HORA

Juntos por um caminho novo | 2022-2023

## Oração para a Bênção da mesa | 13.11.2022

### 6.º Dia Mundial dos Pobres

Senhor Jesus Cristo,

Tu, sendo rico, fizeste-Te pobre

para nos enriqueceres a todos

com a Tua pobreza, que é o dom

da tua Vida por nós oferecida!

Senta-Te, pois, com os pobres,

à volta desta nossa mesa,

para que eles sejam libertos da miséria

e nós livres da palha do supérfluo

que tantos nos pesa.

Que a Tua pobreza, Senhor,

seja a nossa fiel companheira de vida,

para que a ninguém falte o necessário

e possamos juntos encontrar o alimento

que nutre para a vida eterna.

Ámen.

**OUTROS TEXTOS  
E HOMILIAS  
XXXIII  
DOMINGO COMUM C**

## HOMILIA NO XXXIII DOMINGO COMUM C 2019

Dois pratos fortes à mesa da Palavra e da Eucaristia, neste penúltimo domingo do ano litúrgico: a celebração do 3.º Dia Mundial dos Pobres e a conclusão da Semana de Oração pelos Seminários! E como os digerir e saborear, sem deitar nada a perder? Creio não “forçar o casamento” deste par fabuloso se pensarmos precisamente numa **pastoral vocacional a partir dos pobres**. Permitam-me então que partilhe convosco cinco breves notas de reflexão:

**1. Deus chama-nos através dos pobres** a sairmos de nós mesmos, a dispormos do nosso tempo, a relativizarmos e a partilharmos os nossos bens, e assim a pormos, de facto, toda a nossa esperança no Senhor. Ser amigos dos pobres, escutá-los, compreendê-los e acolher a sua misteriosa sabedoria (cf. EG 198) é um caminho concreto de aprendizagem da escuta, do seguimento e do serviço desinteressado ao Senhor. Para isso, às vezes, *basta parar, sorrir, escutar*. O compromisso com os pobres é uma grande escola da dádiva, em que se aprende a viver a alegria de dar e de se dar aos outros. *Se não descobrirmos que há tantos pobres que precisam de outros pobres, como eu e tu, por que haveria algum de nós deixar tudo por causa deles?* Sentir-se útil e necessário faz com que cada um não se fixe tanto na pergunta «quem sou eu», mas sobretudo na pergunta decisiva da vida: «para quem sou eu» (CV 286)?!

**2. Toda a pessoa, chamada por Deus, vê-se a si própria como um pobre instrumento escolhido por Ele**, para a libertação e promoção dos pobres de todas as pobrezaas, a começar por essa pobreza espiritual, que é a falta de Deus e do Seu amor. Quando não há, na vida cristã, um amor preferencial pelos não amados ou mal-amados, então sobrarão a indiferença, a cegueira e a surdez! *Ora, quem permanece cego e surdo ao grito dos pobres, como poderá escutar a voz silenciosa de Deus e reparar nos mais pobres, que são afinal os seus eleitos?!*

**3. Um estilo de vida pobre e simples, sóbrio e solidário, austero e despojado é a mais eficaz «provocação»** a esta cultura da aparência, do consumo e do descarte. Não há vídeo mais apelativo para as vocações (também as sacerdotais) do que o testemunho feliz de uma vida pobre, livre em relação a tudo e a todos. Uma Igreja, pobre de meios e rica no amor é mais atraente do que um templo de *belas pedras e preciosas ofertas*. Aquele que é chamado anuncia que Deus é tudo... quando realmente tudo o que tem é nada!

**4.** Portanto, toda a vocação cristã vive desta dupla atração: **o amor a Cristo, pobre e humilde, e o amor a todos os pobres**, nos quais Ele se vê e revê. Amar os pobres, sem os esquecer, é o indicador seguro de uma vida cristã autêntica (Gl 2, 10), porque há um laço indissociável entre o anúncio do Evangelho e a opção preferencial pelos pobres (cf. EG 48). Quando os pobres não estão em primeiro lugar na nossa vida cristã, a pretexto de coisas maiores, então a nossa vida está cheia de coisas a mais. E Deus não tem lugar! *Como poderá alguém tão cheio de si reservar o melhor de si para Deus e para os outros?!*

**5.** Por fim, e em jeito de conclusão operativa, se queremos enfrentar a pobreza de vocações sacerdotais, **eduquemos as nossas crianças, adolescentes e jovens, para a alegria da partilha e do serviço voluntário**, no compromisso concreto com os mais pobres. Este é o caminho pelo qual descobrirão o sentido da própria vida e encontrarão mais amplas razões de viver, muito para além do sucesso pessoal e da carreira profissional. Na verdade, a descoberta de um outro mundo, muito para além do meu, faz-me compreender como é promissor este pensamento, que inspirou toda a Semana de Oração pelos Seminários: *“O Senhor não olha apenas para aquilo que tu és, mas para aquilo que tu podes chegar a ser”* (CV 289)... com Ele e com os outros, n’Ele e para os outros!

## HOMILIA NO XXXIII DOMINGO DO TEMPO COMUM C 2016 (1.ª FÓRMULA)

*“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, / Muda-se o ser, muda-se a confiança:  
/ Todo o mundo é composto de mudança, / Tomando sempre novas qualidades”.*

1. Assim escreveu o nosso grande poeta Camões, que, por certo, conheceria o Evangelho deste domingo, mas estava longe de navegar por estes novos meios, que vieram atracar, esta semana, em Lisboa, na *web summit*, a grande cimeira tecnológica. Mais longe, e tão perto, foi a viragem política na América, numa espécie de terramoto, que poderá ter várias réplicas, aqui no cantinho europeu. O mundo é realmente composto de mudança e Nosso Senhor já nos tinha posto de sobreaviso. Não é amanhã, nem depois de amanhã, nem para o ano que vem, que tudo isto, que nos parece assustar, irá acontecer. É de ontem, é de hoje e é de sempre, que o mundo sempre gira, em mutação, em alta rotação!

2. Mas, neste mundo, composto assim de mudança, permanece, na pessoa, a necessidade do encontro, do pouso e do repouso, da aragem e da paragem, de um toque da ternura, do sabor da comida, do olhar cruzado, do rosto beijado, do corpo abraçado, do cheiro único da pessoa, da terra, dos frutos. A pessoa humana permanece a mesma! Cada vez mais *ligada às máquinas*, e ao virtual, e cada vez mais carente de uma presença, de uma proximidade pessoal, de carne e osso, de lágrimas e sorrisos! Tudo passa, tudo cai; tudo se se desmorona, para dar lugar a qualquer coisa nova, mas isto mesmo permanece: a infinita sede de amar e de ser amado. O amor é o que fica de tudo o que passa! Se não houver amor, a rede social enreda em vez de unir; a imagem cega em vez de iluminar; a aplicação prende, em vez de ligar. Convém não nos iludirmos com as falsas profecias da rapidez e da facilitação, que isto de viver, de amar e de sofrer, de edificar a vida sobre um fundamento sólido, é uma história vagarosa, que dá muito trabalho, e exige muita paciência.

3. Talvez pudéssemos resumir as palavras de Jesus, na sigla TPC, que todos conhecemos dos tempos da Escola, e que resumiria assim: “T”, de Testemunho; “P” de Perseverança. E “C” de Confiança.

**T** – De “**Trabalho**”, de empenho e compromisso, na transformação do mundo, mas sobretudo um “T” de **Testemunho**. Os tempos difíceis não são para lamentos, nostalgia ou desalento. Não é a hora da resignação, passividade ou demissão. A ideia de Jesus é outra: em tempos difíceis «*tereis ocasião de dar testemunho*». É agora precisamente que temos de ser testemunhas humildes, mas audazes e convincentes de Jesus, da Sua mensagem e do Seu projeto.

**P** – De “**Perseverança**” ou de “**Paciência**”: «*Com a vossa perseverança salvareis as vossas vidas*». Entre os cristãos, falamos pouco da paciência, mas precisamos dela, mais do que nunca. É o momento de cultivar um estilo de vida cristã, paciente e tenaz, que nos ajude a responder a novas situações e desafios, sem perder a paz nem a lucidez. Não temos de perder a calma, mas de assumir a nossa própria responsabilidade.

**C** – De “**Confiança**”. Não se nos pede nada que esteja acima das nossas forças. Contamos com Jesus, que está connosco, até ao fim dos tempos. *Ele é o mesmo ontem, hoje e sempre*. E não muda com as nossas mudanças. A Sua palavra, a Sua presença, o Seu amor, permanecem. Ele mesmo nos dará «*língua e sabedoria a que nenhum dos nossos adversários poderá resistir ou contradizer*». Mesmo, num ambiente hostil de rejeição ou desafeto, podemos viver a alegria do Evangelho.

Fiquem então com estas três palavras-chave. E não tenham medo de abrir as portas ao futuro!

## HOMILIA NO XXXIII DOMINGO DO TEMPO COMUM C 2016 (2.ª FÓRMULA)

“*Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, / Muda-se o ser, muda-se a confiança:  
/ Todo o mundo é composto de mudança, / Tomando sempre novas qualidades*”.

1. Assim escreveu o nosso grande poeta Camões, que, por certo, conheceria o Evangelho deste domingo, mas estava longe de navegar por estes novos meios, que vieram atracar em Lisboa, na *web summit*, a grande cimeira tecnológica. Mais longe, e tão perto, foi a viragem política na América, numa espécie de terramoto, que poderá ter várias réplicas, aqui no cantinho europeu. O mundo é realmente composto de mudança e Nosso Senhor já nos tinha posto de sobreaviso. Não é amanhã, nem depois de amanhã, nem para o ano que vem, que tudo isto, que nos parece assustar, irá acontecer. É de ontem, é de hoje e é de sempre, que o mundo sempre gira, em mutação.

2. E nós, que navegamos assim, entusiasmados, na grande cimeira tecnológica, damo-nos conta, de que esta já não é apenas uma *época de mudança*, mas uma *mudança de época*! De repente, as nossas armas de trabalho enferrujaram todas e temos de aprender a manusear novas ferramentas, novas linguagens, novos conceitos. De repente, o mercado deixou de ter cheiro às coisas da terra e é feito agora de sons, imagens e movimentos, que dão nas vistas e têm efeitos virais. Entramos, sem querer, numa espécie de *nuvem do não saber*, perante a avalanche de informações e aplicações, com as quais a nossa fortuna ou azar podem estar a um simples toque digital. E até o Evangelho nos chega, por email, antes ainda de acordarmos. E mesmo a nossa oração, pode ser guiada por uma simples aplicação de telemóvel. É todo um mundo velho que acaba e um mundo novo que começa. Em alta velocidade, com grande pressa!

3. Mas, neste mundo, composto assim de mudança, permanece, na pessoa, a necessidade do encontro, do pouso e do repouso, da aragem e da paragem, de um toque da ternura, do sabor da comida, do olhar cruzado, do rosto beijado, do corpo abraçado, do cheiro único da pessoa, da terra, dos frutos. O homem, a pessoa humana, permanece a mesma! Cada vez mais *ligada às máquinas*, e ao virtual, e cada vez mais carente de uma presença, de uma proximidade pessoal, de carne e osso, de lágrimas e sorrisos! Tudo passa, tudo cai; tudo se desmorona, para dar lugar a qualquer coisa nova, mas isto mesmo permanece: a infinita sede de amar e de ser amado. O amor é o que fica de tudo o que passa! Se não houver amor, a rede social enreda em vez de unir; a imagem cega em vez de iluminar; a aplicação prende, em vez de ligar. Convém não nos iludirmos com as falsas profecias da rapidez e da facilitação, que isto de viver, de amar e de sofrer, de edificar a vida sobre um fundamento sólido, é uma história vagarosa, que dá muito trabalho, e exige muita paciência. Jesus pede-nos serenidade na mudança, sabedoria nas escolhas, compromisso com a melhoria do mundo, perseverança e paciência, diante das crises, perseguições e dificuldades. Sem deixar cair os braços. Que a esperança do fim deve pôr-nos em estado de transformação.

4. Talvez pudéssemos resumir as palavras de Jesus, numa sigla, que todos conhecemos da Escola. E eu dar-vos-ia então o TPC, o nosso trabalho para casa: “T”, de Testemunho; “P” de Perseverança. E “C”, de Confiança.

*(pode incluir-se a explicação das três palavras-chave da 1.ª fórmula da homilia)*

Fiquem então com estas três palavras-chave. E não tenham medo de abrir as portas ao futuro!

## TÓPICOS PARA A HOMILIA NA MISSA COM CATEQUESE - XXXIII

Talvez pudéssemos resumir a Palavra de Deus, neste domingo, na sigla TPC, que todos conhecemos dos tempos da Escola, e que resumiria assim: “T”, de Testemunho e de Trabalho; “P” de Perseverança e Paciência. E “C”, de Calma e Confiança.

**T – Testemunho:** É um desafio para todos os cristãos, em tempos difíceis. Não devemos ter vergonha. É preciso saber dar a cara por Jesus. Ser diferente, num mundo indiferente. Ser capaz de falar de Jesus e de levar Jesus aos outros. Mas “T” é também um “T” de **“Trabalho”**: precisamos de fazer bem a nossa parte. Precisamos de “trabalhar” para merecermos o que comemos. Para os meninos, obviamente, “trabalhar” é estudar, é colaborar nas tarefas lá de casa, é colaborar na construção de um mundo mais limpo, mais belo, mais alegre.

**P – Perseverança:** Não desistir. Não desanimar. Manter-se firme. Ser paciente. Para os meninos é sobretudo perseverar no estudo, na oração, na amizade, na escola, na catequese, na Eucaristia. Para os pais e casais, perseverar é manterem-se fiéis aos compromissos, perseverar no casamento, na relação, na família, na comunidade. É serem pacientes com o marido, a esposa, os filhos. Ser paciente, é não se deixar levar pelos impulsos interiores e evitar agredir, transformando a família num campo de batalha. Esta paciência reforça-se quando reconheço que o outro, assim como é, também tem direito a viver comigo nesta Terra. O amor possui sempre um sentido de profunda compaixão, que leva a aceitar o outro como parte deste mundo, mesmo quando age de modo diferente daquilo que eu desejaria (cf. Papa Francisco, *Amoris Laetitia*, n.s 91-92).

**C – Confiança:** Jesus está connosco. Caminha connosco. Coopera connosco. Dá-nos força e sabedoria. Não podemos ficar paralisados pelo medo. Precisamos de assumir os nossos compromissos, na família, na escola, na catequese, na Eucaristia. Para os pais, a confiança leva-os a não ter medo de se comprometer, não ter medo dos compromissos definitivos, no casamento, na família, para levar a vida sempre mais a sério!

Fiquem então com estas três palavras-chave. E não tenham medo de abrir as portas ao futuro!

### **Credo**

**P.** Credes em Deus Pai, que cria o mundo e o governa com justiça e misericórdia?

**R:** Sim, creio!

**P.** Credes em Jesus Cristo, Verdadeiro Sol, cujos raios nos dão a vida?

**R:** Sim, creio!

**P.** Credes no Espírito Santo, fogo de amor, em que opera o querer e o agir de Deus?

**R.** Sim, creio!

**P.** Credes na Igreja, mártir e perseguida, fiel testemunha da alegria do Evangelho?

**R.** Sim, creio!

**P.** Credes na salvação oferecida por Deus a todos os Seus filhos?

**R.** Sim, creio!

## Homília no XXXIII Domingo Comum C 2013 – fórmula mais breve

1. À primeira vista, Jesus parece um moderno pivot de telejornal, a descrever cenários de tragédia e de horror, como aqueles que vimos, esta semana, com imagens, que nos chegaram das Filipinas e do Vietnã, e de toda a região atingida pelo furacão Hayan! Perante a devastação da catástrofe ecológica, do incontável número de mortos, do inaceitável sofrimento das crianças, da insuportável tortura da fome, diríamos, que, de algum modo, a realidade do mal, volta a pôr Deus no banco dos réus!

2. Voltamos, quase sem querer, ao velho dilema de Epicuro: “*Ou Deus quer tirar o mal do mundo, mas não pode*” e então não é um Deus todo-poderoso! Ou “*Deus pode tirar o mal do mundo, mas não quer*” e então não nos ama verdadeiramente! Ou, se “*Deus não quer tirar o mal do mundo e não pode*” então não é nem bom, nem onnipotente”. Como compaginar afinal a fé num Deus, que é Amor, com uma “*natureza que “se vinga sobre os seus filhos”*”? Como aceitar o silêncio de Deus, face ao grito dos inocentes?

3. Eu diria, olhando sobretudo, para o nosso Cristo Crucificado e ressuscitado: Sim, Deus quer tirar o mal deste mundo! E pôde fazê-lo, entrando neste mundo e lutando contra toda a espécie de mal. E pôde vencê-lo, tornando-se Ele próprio a mais injusta vítima do mal no mundo! Neste Deus de Jesus Cristo, Crucificado por nós, o mal tornou-se o lugar onde o amor venceu, onde o amor se revelou em toda a sua plenitude, onde o amor foi mais forte do que a morte! Sim. Deus quer e pode tirar o mal deste mundo! Hoje, aqui e agora, Deus está, neste mundo, do nosso lado, do lado de cada pessoa, para vencer o mal. Deus luta por mim, Deus luta connosco, contra toda a espécie de mal. E chama-nos a essa luta, para que o escândalo do mal dê lugar ao milagre do bem. Disse o Cardeal Tagle, das Filipinas:

*“vemos destruição e ruínas em todos os lugares, mas também vemos a fé e o amor surgir daquelas ruínas e isso torna-nos pessoas mais fortes”.* E, mais uma vez, recordo as sábias palavras do Papa Francisco: *“Ao homem que sofre, Deus não dá um raciocínio que explique tudo, mas oferece a sua resposta sob a forma duma presença, que o acompanha, de uma história de bem que se une a cada história de sofrimento, para nela abrir uma brecha de luz”* (LF 57).

4. Basta olhar para a tragédia destes dias e a resposta generosa e pronta de tantos e tantos. Nasce aqui e ali uma criança, a quem os pais dão o nome do tufão Hayan. Não é esta uma mensagem de esperança, de confiança, de certeza, que apesar do mal no mundo, a vida vale a pena?! Não é esta *“força da natureza”* um ato de fé, na vida do homem, que é um ser finito, mas com uma abertura infinita? Não é este nascimento, um sinal de que o mal não pode destruir, em definitivo, a nossa vida?!

5. Para terminar, com algo concreto, vem-me à mente aquela pergunta que um dia fizeram a Madre Teresa: *“O que pensa de Deus, quando vê este mundo cheio de injustiças, de solidão, de tragédias”.* Ela respondeu, de imediato: *“só penso numa coisa: ir ao encontro de alguém, fazer algo de concreto, para que este mundo se torne melhor”.*

Seja este o nosso compromisso, no meio de um mundo, de um país e de uma fé em crise: rezar e trabalhar, sempre e sem desanimar, por um mundo melhor!

## Homília no XXXIII Domingo Comum C 2013 – fórmula mais longa

1. À primeira vista, Jesus parece um moderno pivot de telejornal, a descrever cenários de tragédia e de horror, como aqueles que vimos, esta semana, com imagens, que nos chegaram das Filipinas e do Vietnã, e de toda a região atingida pelo furacão Hayan! Perante a devastação da catástrofe ecológica, do incontável número de mortos, do inaceitável sofrimento das crianças, da insuportável tortura da fome, diríamos, que, de algum modo, a realidade do mal, volta a pôr Deus no banco dos réus! Voltamos, quase sem querer, ao velho dilema de Epicuro: “*Ou Deus quer tirar o mal do mundo, mas não pode*” e então não é um Deus todopoderoso! Ou “*Deus pode tirar o mal do mundo, mas não quer*” e então não nos ama verdadeiramente! Ou, se “*Deus não quer tirar o mal do mundo e não pode*” então não é nem bom, nem onnipotente”. Como compaginar afinal a fé num Deus, que é Amor, com uma “*natureza que “se vinga sobre os seus filhos”*”? Como aceitar o silêncio de Deus, face ao grito dos inocentes?

2. Neste lugar e com este “*curto tempo de antena*” que disponho, não é possível um debate sério, sobre o assunto. Mas ainda assim, vou tentar dizer algumas coisas simples (?), que nos ajudem a ir ao fundo da questão.

1º O mundo e a humanidade são, na verdade, obra do amor criador de Deus. Ao decidir, livremente, criar este mundo, Deus não podia criar algo igual a Si mesmo, algo que fosse *infinitamente perfeito*, porque então confundir-se-iam o Criador e a própria criatura! Ao criar as coisas, essas coisas só podiam ser o que são: coisas finitas, inacabadas, imperfeitas, em processo, em evolução, em transformação, em aperfeiçoamento, no tempo presente. Se as coisas deste mundo fossem *infinitas e perfeitas*, deixariam de ser “*coisas*” e seriam “*de outro mundo*”. Portanto, ao ser criado este mundo, ele não poderia ser outra coisa senão uma realidade finita! É,

portanto, próprio deste mundo, e desta humanidade que somos, a finitude, a nossa imperfeição, que se vai superando, apesar dos nossos limites! Querer um mundo sem esta imperfeição, é praticamente como conceber um círculo quadrado!

2º Essa finitude, de que afinal não nos livraremos, no tempo presente desta vida, traz consigo a imperfeição moral do pecado, e arrasta consigo a imperfeição física do corpo, com a doença e a morte! Esta imperfeição, que resulta de um mundo que é finito, de um mundo sempre em gestação, explica, por exemplo, as indisposições da Natureza, as suas convulsões, os seus desmandos, os seus vulcões e furacões! A criação está em evolução, em crescimento. E, neste processo de crescimento, há dor, convulsão, agitação. Não há por que se admirar disso. *“Ainda não é o fim”*. Mas cabe bem perguntar aqui: *não são muitas destas catástrofes naturais consequência da nossa desordem espiritual, do nosso abuso desordenado dos recursos da Terra? Não foram feitas construções, em lugares desadequados?! Temos escutado o grito da Terra?*

3º Mas – diremos nós então - se ao criar este mundo, Deus contava com estes “limites” todos, não seria melhor não o ter feito? Se é assim, o mundo e a vida do homem, valem mesmo a pena? Basta olhar para a tragédia destes dias. Nasce aqui e ali uma criança, a quem os pais dão o nome do tufão Hayan. Não é uma mensagem de esperança, de confiança, de certeza, que apesar de tudo, vale a pena?! Não é esta *“força da natureza”* um ato de fé, na vida do homem, que é um ser finito, mas com uma abertura infinita? Não é este nascimento um sinal de que o mal não pode destruir, em definitivo, a nossa vida?!

3. Em que ficamos, então, relativamente ao dilema, com que nos defrontámos ao início? Eu diria, olhando agora, para o nosso Cristo Crucificado e ressuscitado: *Sim*,

*Deus quer tirar o mal deste mundo! E pôde fazê-lo, entrando neste mundo e lutando contra toda a espécie de mal. E pôde vencê-lo, tornando-se Ele próprio a mais injusta vítima do mal no mundo! Neste Deus de Jesus Cristo, Crucificado por nós, o mal tornou-se o lugar onde o amor venceu, onde o amor se revelou em toda a sua plenitude, onde o amor foi mais forte do que a morte! Sim. Deus quer e pode tirar o mal deste mundo! Agora, Deus está, neste mundo, do nosso lado, do lado de cada pessoa, para vencer o mal. Deus luta por mim, Deus luta connosco, contra toda a espécie de mal. E chama-nos a essa luta, para que o escândalo do mal dê lugar ao milagre do bem.*

4. Disse o Cardeal Tagle, das Filipinas: *“vemos destruição e ruínas em todos os lugares, mas também vemos a fé e o amor surgir daquelas ruínas e isso torna-nos pessoas mais fortes”*. E, mais uma vez, recordo as sábias palavras do Papa Francisco: *“Ao homem que sofre, Deus não dá um raciocínio que explique tudo, mas oferece a sua resposta sob a forma duma presença, que o acompanha, de uma história de bem que se une a cada história de sofrimento, para nela abrir uma brecha de luz”* (LF 57).

5. Para terminar, com algo concreto e menos especulativo, vem-me à mente aquela pergunta que um dia fizeram a Madre Teresa: *“O que pensa de Deus, quando vê este mundo cheio de injustiças, de solidão, de tragédias”*. Ela respondeu, de imediato: *“só penso numa coisa: ir ao encontro de alguém, fazer algo de concreto, para que este mundo se torne melhor”*. Seja este o nosso compromisso, no meio de um mundo, de um país e de uma fé em crise: rezar e trabalhar, sempre e sem desanimar, por um mundo melhor!

## Homilia na Missa com Catequese – XXXIII C – Semana dos Seminários

1. Ouvimos o evangelho e, à primeira vista, Jesus quase nos parece um pivot, a ler o telejornal, à hora de jantar. Esta semana, por exemplo, as imagens do tufão nas Filipinas e no Vietnam, dão uma atualidade visível à Palavra de Deus! Mas, bem vistas as coisas, Jesus até não nos traz más notícias. A Palavra de Deus, aliás, é sempre Boa Nova. Jesus parece dizer-nos que não nos devemos assustar com este mundo, sempre em mudança. O mundo é um lugar imperfeito e devemos estar atentos a tudo o que se move! Não são só as pessoas que às vezes andam mal dispostas. A Natureza também. Nem sempre a natureza está bem disposta, e por isso, treme ou fustiga-nos, como uma criança que se irrita ou vomita. Mas nada disto é “o fim do mundo”. A verdade é que tudo o que é deste mundo, cedo ou tarde, será destruído, dizia Jesus. Mas há uma coisa que nada e ninguém destroem: a nossa vida! *“Nenhum cabelo da nossa cabeça se perderá”* diz Jesus. Ele quer dizer-nos: Deus cuida de cada um. A nós cabe-nos apenas cuidar dos outros. Por isso, o Papa Francisco diz-nos: *“Cuidai da criação. Mas sobretudo cuidai das pessoas que não têm o necessário para viver”* (twitter, 14.11.2013).
2. Essa é no fundo a mensagem mais importante: no meio das dificuldades, das crises, dos medos, devemos **“dar testemunho”**, devemos fazer alguma coisa. Esta é a 1ª coisa: dar testemunho: testemunho de fé, quando nos perseguem ou troçam de nós. Testemunho de esperança, trabalhando por um mundo melhor. Testemunho de amor, através de uma presença amiga, que acompanha quem sofre, fazendo bem onde há só tristeza e dor!
3. A segunda coisa importante é esta: **perseverar**, aguentar, não desistir. Somos generosos, corajosos, talvez um dia... uma vez... mas todos os dias. Todos os dias rezar, todos os dias fazer o bem, todos os dias fazer bem o bem... hum... isso é muito difícil! Mas é essa “perseverança, essa persistência, essa

paciência, que nos salvará. Quando não perseveramos, quando desistimos à primeira, quando somos infiéis aos nossos compromissos, não conseguimos nada de valioso nem de belo na vida. Quem não persevera na oração, na catequese, na missa, quem não é fiel aos seus compromissos de cada dia, como poderá, por exemplo, pensar em ser padre?

4. E ser padre faz muita falta neste tempo, em que falta a luz da fé a tanta gente. Neste tempo, em que há tantas más notícias, precisamos ainda mais de anunciadores da Palavra, precisamos de padres, de profetas da esperança, que tornem Jesus presente, que falem d'Ele, que nos reúnam à sua volta, que façam Jesus crescer em nós e em nós o seu amor.
  
5. Vamos ver agora alguns diapositivos que nos falam dos seminários e do que é esta vocação para ser padre. E depois terminaremos rezando pelas vocações sacerdotais.
  
6. *(seguir ppt da semana dos seminários 2013)*
  
7. *Concluir com a oração pelos seminaristas, feita por todos em conjunto*

## HOMILIA NO XXXIII DOMINGO COMUM C 2010

1. Só por delírio, alguém seria levado a pensar, que esta página do evangelho se refere a um tempo, ainda por vir! Só um distraído, poderia ler ou escutar este discurso de Jesus, como quem consulta o horóscopo da semana que vem, ou se entretém num exercício de adivinhação, lendo o que os astros escrevem, nas linhas tortas da sua mão! Mas não. Esta página do evangelho escreve-se, todos os dias, em papel de jornal diário e tem a sua edição actualizada, em qualquer telejornal, ou no sítio virtual da informação real.

2. Esta página do evangelho tem, pois, mais de presente, que de futuro. Tem mais de esperança, do que de medo. Tem mais de apelo à perseverança, do que de lamento. O Evangelho põe a claro que em todos os tempos, a história e o mundo manifestam sinais de crise, de sofrimento, de incerteza. É de todos os tempos a crise, o ruir de um sistema para dar lugar a outro, a falência de um projecto em nome de outro, a indisposição da natureza, no seu evoluir. Nenhuma época da história esteve imune da crise. Por isso, é *falso alarme* querer partir dos sinais deste tempo para anunciar o fim.

3. Uma vez que tudo passa e só Deus não muda, uma vez que só o Amor ficará de tudo o que passa, qual é então o desafio do cristão, enquanto «*aguarda em jubilosa esperança a vinda gloriosa do Senhor*»? Jesus diz-nos claramente: «*Tereis ocasião de dar testemunho*».

3.1. Começemos pelo necessário e insubstituível testemunho dos leigos: “*há necessidade de verdadeiras testemunhas de Jesus Cristo, sobretudo nos meios humanos, onde o silêncio da fé é mais amplo e profundo: os meios políticos,*

*intelectuais, profissionais da comunicação que professam e promovem uma cultura, que despreza a dimensão religiosa e contemplativa da vida. Em tais âmbitos, não faltam crentes envergonhados”* (Bento XVI, Discurso aos Bispos Portugueses, Fátima, 13.05.2010), que «viver na ociosidade» das suas práticas devotas, ocupados em pias «futilidades», quando se impunha que trabalhassem a sério, pela causa do reino de Deus. Aos leigos, cabe, no seu próprio campo, lutar pela dignidade da pessoa e da vida humana, nos sindicatos, no parlamento, nas autarquias, nos meios de comunicação social e nas redes sociais, ajudando à formação de um mundo, mais belo, mais justo e solidário! Neste contexto, fica claro, para os leigos: ou missão, ou demissão! E, não há nisto, meio-termo.

**3.2.** Mas, neste Domingo dos seminários diocesanos, devemos sublinhar a importância e o testemunho da vida sacerdotal. Bento XVI, numa Carta aos seminaristas conta o seguinte: “Em Dezembro de 1944, quando fui chamado para o serviço militar, o comandante de companhia perguntou a cada um de nós a profissão que sonhava ter no futuro. Respondi que queria tornar-me sacerdote católico. O subtenente replicou: *‘Nesse caso, convém-lhe procurar outra coisa qualquer; na nova Alemanha, já não há necessidade de padres’*. Eu sabia que esta «nova Alemanha» estava já no fim e que, depois das enormes destruições causadas por aquela loucura no país, mais do que nunca haveria necessidade de sacerdotes. Hoje, a situação é completamente diversa; porém de vários modos, mesmo nos nossos dias, muitos pensam que o sacerdócio católico não seja uma «profissão» do futuro, antes pertenceria já ao passado». Ora, «os homens sempre terão necessidade de Deus».

**3.3.** E é aqui também ocasião, para eu vos dar testemunho, partilhando convosco um gesto impressionante e comovente, que alguém teve para

comigo esta semana. Bastou uma simples mensagem escrita no telemóvel. Trazia anexa a foto de um bebé acabado de nascer e a acompanhar este texto breve: «*Para quem já foi como um pai para mim, vai uma foto do meu filho Diogo*». O seu autor é hoje um jovem de vinte e cinco anos de idade. Foi um menino irrequieto, dado em adoção a uma família amiga; acompanhei-o na infância, na catequese e como acólito; aceitei-o, como meu afilhado de crisma, numa fase turbulenta e revoltada da adolescência, quando ninguém dava nada por ele; dei-lhe a mão, nos inícios de uma juventude, que parecia perdida. Há muito que não nos vemos, e pensei que teria passado ao lado da sua vida. Mas não. O lado paterno do sacerdócio permanece!

4. Queridos amigos: deixai que vos fale ao coração: Quantos de nós não gostaríamos de deixar um rasto, que permaneça? E o que é que fica, de tudo o que passa? O dinheiro? Não! Os edifícios? Também não. Após um certo tempo, mais ou menos longo, todas estas coisas desaparecem! A única coisa que permanece eternamente é a alma humana, o homem criado por Deus. para a eternidade. O fruto que permanece é o que semeámos nas almas humanas – o amor, o conhecimento, o gesto capaz de tocar o coração, a palavra que abre a alma à alegria do Senhor. Por mais este testemunho, compreenderéis bem: ser padre não é uma coisa do passado! É uma vida, que é *um presente, com futuro!* Aliás, o padre, porque é de Deus e vive para Ele, já pertence ao futuro! Tem mesmo o Futuro, aberto nas suas próprias mãos!

## Homilia no XXXIII Domingo Comum C 2007

### “E tereis ocasião de dar testemunho”!

1. A ocasião faz o cristão. E que ocasião é esta afinal, que faz hoje o cristão, neste princípio de século XXI? Trata-se de uma ocasião, muito semelhante à do profeta Malaquias: o povo de Deus, instalado na sua terra e acomodado em sua casa, deixou de esperar e de contar com Deus; caiu numa certa apatia religiosa, e numa rotina da fé, até chegar à indiferença e ao alheamento; o culto estava desleixado e o Templo reconstruído mais parecia um centro comercial de produtos religiosos, para consumo interno; dentro e fora do Templo, no trono e no altar, a corrupção moral alastrava, de dia para dia.

Não nos é difícil revermo-nos nesta ocasião. [Temos o Centro Pastoral], temos meios e condições ideais, para anunciar, celebrar e viver a fé. Mas, - e no dizer do Papa aos Bispos Portugueses - *«a confissão mais frequente dos lábios foi falta de participação na vida comunitária»*. O Papa chega mesmo a falar de uma *«maré crescente de cristãos não praticantes nas dioceses portuguesas»* e eu diria, *«nas nossas comunidades paroquiais»*.

Não falta ainda hoje quem procure o Templo, como uma espécie de *«estação de serviço»*, vendo os sacramentos como produtos de consumo religioso. E até os que vêm à Missa, parecem muitas vezes meros “consumidores” passivos, sem fôlego espiritual, atados pela obrigação rotineira, tomados de tédio, de cansaço e de aborrecimento na fé. Basta olhar para a “vasta negridão”, que vai no olhar de muitos dos que aqui estão. Falta, em muitos cristãos, o «fogo» ardente do testemunho, de uma fé, alegre e viva; falta luz e calor, canto e encanto, no entusiasmo de quem acredita. É esta, pois, a ocasião de dar testemunho, de uma

vida cristã, séria e alegre, vivida e comprometida, com Deus e com os irmãos. Uma fé apaixonada, que nos transforme por dentro e irradie para os de fora, como “Sol da justiça, que traz nos seus raios a salvação”.

2. A ocasião faz o cristão! Que o diga São Paulo, que vê os seus fiéis de Tessalónica, *a gozar férias antecipadas*, como se o céu lhes estivesse «no papo», daí a oito dias. Iludidos com a ideia da “última vinda do Senhor”, para muito em breve, eles entram em greve e não querem trabalhar. São Paulo condena este estilo de vida cristã, entregue à ociosidade, de quem não mexe uma palha, e à futilidade de quem não está para nada. Por isso, a ordem do Apóstolo é clara: «*quem não quer trabalhar, também não coma*». Eu quase me apetecia dizer, de maneira algo semelhante, nestes tempos, em que ninguém se quer comprometer: «*quem não quer trabalhar em Igreja, também não coma o pão da Eucaristia*!» Pode ser esse um dos sentidos das palavras de Bento XVI aos Bispos Portugueses, quando falava na necessidade de «mudar o estilo de organização da comunidade eclesial portuguesa e a mentalidade dos seus membros, para se ter uma Igreja ao ritmo do Concílio Vaticano II», capaz de empreender uma nova evangelização. Nesta nova evangelização, são fulcrais a figura da testemunha e o papel do testemunho.

3. «E tereis ocasião de dar testemunho». Permitam-me, dar-vos hoje mais **um Decálogo simples, para o testemunho simples e alegre da fé!**

1. Veste o “fato de domingo”, quando saís de casa, para participares na Eucaristia. O fato de domingo é constituído por estas vestes simples: “alegria nos olhos, sorriso nos lábios, destreza nas mãos, pés em caminho largo, ritmos de festa, na voz do teu coração”. A Missa, desde que saíste de casa, já está a começar!

2. Entra, com algum tempo de antecedência, na Igreja. Saúda, com um olhar e um aceno de ternura, aqueles que encontras, conhecidos e desconhecidos. Reserva alguns minutos para o silêncio «do face a face», com Deus, na oração. E depois, põe-te a cantar.
3. Na celebração da Missa, estarás lá, de corpo e alma; com todo o encanto e não escondido, por lá, em algum recanto; ali estarás não por obrigação, mas por necessidade; sem pressa e sem tédio; com grande alegria e satisfação, com sentido de atenção e de presença, diante do Senhor, que te espera, de coração em festa.
4. Fixarás, ao menos, uma frase, uma ideia, um pensamento, proposto pelas leituras bíblicas, ou sugerido pela Homilia, ou retido de algum silêncio ou oração. Vê o que resulta deste «encontro com Cristo», face a face, olhos nos olhos, coração a coração? Luz, Paz, consolação, inquietação, alegria, força, coragem?!
5. Pois bem, durante a semana, viverás de «acordo com o Domingo» (Sac.Carit.72). Não perderás o brilho da fé nos teus olhos felizes, o entusiasmo da tua esperança, nas tuas mãos abertas, e a caridade, como fogo ardente, no teu coração compadecido.
6. Ao menos, a uma pessoa, (da tua casa, da tua família, do teu bairro, do teu emprego), levarás, esta semana, cada semana, alguma daquela luz, paz, consolação, inquietação, alegria, força ou coragem, que recebeste da Celebração da Palavra e da Eucaristia. Não descansarás, até encontrares alguém a quem levar esse Cristo vivo que recebeste, como alimento, e se tornou companheiro de todas as tuas horas.

7. «Uma grande alegria não a podes guardar para ti!»! Não disfarçarás nunca «a alegria» da tua fé. Mesmo se por agora estás triste, se estás a passar um mau momento, mesmo se duvidas, não esconderás a ninguém a «beleza» de seres cristão. Esta semana, cada semana, ao menos a uma pessoa (da tua casa, da tua família, do teu bairro, do teu emprego) vais mostrar, no modo como falas e cantas, no modo como sentes e vives as coisas, o encanto de seres cristão.
8. Se não conseguires atrair para Cristo o teu irmão, não vais desistir; vais perseverar até ao fim; pelo menos, na alegria e no entusiasmo da tua fé, há-de suscitar nele, um certo ciúme, um incómodo salutar, por ainda não ter descoberto nem encontrado a tua alegria.
9. Vais desafiar um amigo, de preferência, um «católico simpatizante mas não praticante», (da tua casa, da tua família, do teu bairro, do teu emprego), a frequentar (algum momento de formação na comunidade) o “Curso Alpha”. Procurarás que ele aceite o desafio do primeiro passo no “despertar” da fé. Se for preciso, ajudá-lo-ás a tomar conta dos filhos, algumas noites, para que ela possa ir descansado. Chegou a hora de ele dar um passo em frente. E tu vais dar um empurrãozinho, amparando-o nos seus passos vacilantes.
10. Se a tua fé realmente se transforma na alegria, por teres encontrado em Cristo, a verdade e o amor, é inevitável que sintas o desejo de a transmitir, de a comunicar aos outros. Deste modo, encontrarás também o meio certo de a revigorar no teu coração. Uma fé que se apega, jamais se apaga.

Irmãos e irmãs: Houvesse mais cristãos assim, e não faltariam, nos seminários, os jovens que Deus chamar. Só o entusiasmo da fé, nas famílias e nas comunidades, dará a Deus o terreno fértil para o germinar das sementes de vocação sacerdotal.

Na celebração festiva desta nossa Eucaristia, Deus dá-nos já a gozar um pedacinho “da alegria e da beleza” do céu! Cabe-nos partir daqui, pelo mundo fora, para dar testemunho, de modo a “moldar esta nossa terra à imagem do céu” (Bento XVI).

## HOMILIA NO XXXIII DOMINGO COMUM C 2004

1. “*Nasceu o Sol no Oriente*”. “*Arafat morreu de vez*!” O acontecimento, em directo e a cores, entrou-nos em casa, numa versão praticamente **a preto e branco**, como se a cara da notícia tivesse **duas faces**. Uma de pesar, e outra de esperança. Uma de admiração e outra de alívio. Uma de triste cena final, e outra de projecção luminosa dos próximos capítulos de uma nova história. A morte de um homem assim, envolto num véu de **luz e de sombra**, parece tanto a queda da última pedra de um velho muro, posta sobre um passado, como a primeira pedra, colocada como alicerce, de uma nova ponte, para o futuro. E alguns comentadores lá foram dizendo, a propósito, que *esta é também a hora da verdade*, pois Israel ficou sem “**a pedra no sapato**”, que justificava alguns dos seus pontapés, na causa justa do povo palestino. À luz deste acontecimento, parecem ganhar pleno sentido as palavras da **profecia da primeira leitura**: “*O dia que há-de vir abrasará os soberbos e malfeteiros e não lhes deixará raiz nem ramos. Mas para aqueles que temem o seu nome, nascerá o sol de justiça*”. Ora, chegou o dia em que tudo fica mais claro. E, mesmo sem a ironia do velho ministro israelita, que viu na noite da morte de Arafat, o *nascer do sol*, temos o dever de esperar e rezar “*para que a estrela da harmonia brilhe rapidamente na Terra Santa e que os dois povos que aí habitam possam viver reconciliados entre eles, com dois Estados independentes e soberanos*” (João Paulo II).

2. Caríssimos irmãos: Esta história dos *últimos dias* é uma lição da velha História de sempre, a ensinar-nos, com sábia paciência, que não é preciso tocar a trombeta, quando vemos as pedras cair umas sobre as outras. É **falso alarme** anunciar a iminência do fim, dirá Jesus. São coisas de sempre, num mundo feito de mudança. Talvez, tenhamos de aprender a ler os *sinais da morte*, como promessas de vida. E a ver no **desabar** dos símbolos de resistência, que nos parecem de *pedra e cal*,

sinais de um mundo velho que acaba, para dar lugar a um tempo novo, que começa. A esta luz, as *más notícias* que Jesus nos trouxe são, de verdade, “**boa nova de esperança**”, desafio e alento, para não desesperarmos da luta, para deitarmos mãos à obra, que todos os dias começa e recomeça. Não tem futuro, isto de ficarmos de braços caídos, espantados ou comovidos sobre os escombros e as ruínas do passado.

3. Neste quase *final de ano litúrgico*, somos como que projectados para o futuro, somos levados, numa *visão* de fé, para a *Terra Prometida*. Estamos e vivemos neste mundo, numa tensão aberta para o definitivo. A caminhar dia a dia, num horizonte de eternidade. Somos sempre chamados, mesmo sem o toque de finados, para a hora do acabamento, para o *retoque* último da obra de Deus no mundo e em cada um, esperando sem pressas *nem enganos*.

Mas esta expectativa dos novos céus e da nova terra, não pode adormecer o nosso compromisso ou enfraquecer a nossa responsabilidade. Antes há-de despertar o nosso desejo e estimular a vontade de trabalhar, por um mundo novo (cf. Ecc. Euch.20). «*Quem não quer trabalhar, também não coma. Ouvimos dizer, que alguns de vós vivem na ociosidade, sem fazerem trabalho algum. A esses ordenamos e recomendamos, em nome do Senhor Jesus Cristo, que trabalhem tranquilamente*». Era a **ordem de serviço** dada por São Paulo, a uma comunidade cuja ilusão da última vinda do Senhor, alimentava a *boa vida* de alguns.

4. Caríssimos irmãos e irmãs: é verdade que a nossa Eucaristia é sempre celebrada «**enquanto esperamos a vinda gloriosa de Jesus Cristo nosso Salvador**». A própria assembleia, depois de fazer a memória viva da Páscoa do Senhor, e logo depois de contemplar a sua presença oculta, clama e aclama pela **última pela sua vinda**: «**Vinde, Senhor Jesus**». Anunciar a morte do Senhor «**até que Ele venha**» (1 Cor 11,

26) inclui, para os que participam na Eucaristia, o **compromisso de transformarem a vida**, de tal forma que esta se torne, de certo modo, toda «eucarística» (Ecc. Euc.20). Porque “a Eucaristia é a **força que nos transforma e fortalece as nossas virtudes**. Estimula “a nossa caminhada na história, lançando uma semente de activa esperança na dedicação diária de cada um aos seus próprios deveres na família, no trabalho, no empenho político. É neste mundo que tem de brilhar a esperança cristã! **Foi também para isto que o Senhor quis ficar connosco na Eucaristia**” (cf. Ecc. Euch.62;20)! “Por que, então, não fazer deste **Ano da Eucaristia** um período em que as comunidades se empenhem de modo especial em ir, com obras de fraternidade, ao encontro de alguma das tantas pobreza de nosso mundo? É com base neste critério que será comprovada a autenticidade de nossas celebrações eucarísticas” (MND 28)!

## MONIÇÕES PARA UMA MISTAGOGIA DA CELEBRAÇÃO

### **Depois da Saudação Inicial:**

Estamos a passos largos do final do ano litúrgico. E a Palavra de Deus, neste dia do Senhor, projecta-nos diante do cenário da vida futura e definitiva de cada um de nós, por ocasião da última vinde de Cristo. Não se trata de uma assustadora notícia do fim, mas de um apelo à responsabilidade de cada um, por começar todos os dias de novo. Celebramos a Eucaristia. «Todas as vezes que comemos deste Pão e beberdes desta cálice anunciaremos a morte do Senhor, até que Ele venha». Começemos por nos confiar à sua misericórdia, na certeza de que nem um só cabelo da nossa cabeça se perderá sem o conhecimento e o consentimento do Senhor, que tem a nossa vida nas suas mãos.

### **Antes das Leituras:**

M- Agora sentamo-nos, numa atitude de quem se presta ouvir e de quem se deixa examinar e julgar pela Palavra de Deus. A linguagem algo medonha e ameaçadora das leituras deste domingo, é uma forma de nos estimular para a nossa responsabilidade presente na construção do futuro. Escutemo-la, sentados mas de cabeça erguida.

### **Ofertório:**

M- Este momento do Ofertório é o que melhor exprime a relação entre a *Eucaristia e a Caridade*, entre o *partir do pão eucarístico* e a *partilha do pão de cada dia*. Neste domingo, os ofertórios destinam-se aos nossos Seminários Diocesanos. No Seminário do Bom Pastor ou no da Sé, em regime de internato ou em família, são

alguns os jovens que se prontificam a esclarecer e a formar a sua vontade de servir, como Padres, a nossa Diocese. Sejamos generosos. É uma ocasião propícia de darmos testemunho.

### **Antes da Oração sobre as oblatas:**

M- Apresentados os dons do Pão e do Vinho, apresentada a nossa oferta, que se completa na oferta de Cristo, somos chamados a erguermos-nos e a levantar a cabeça, de pé, para a grande Oração de louvor, para o memorial da nossa salvação, para a contemplação de Cristo, que está connosco, todos os dias, até ao fim dos tempos.

### **Depois do Sanctus**

M- Logo depois da invocação do Espírito Santo, para a transformação dos dons, iremos pôr-nos *de joelhos*. Indica-se este gesto, para o *momento da consagração* (cf. IGMR 43), exprimindo assim a atitude de veneração, neste momento central do mistério eucarístico, a menos que isso se torne impossível devido à falta de saúde ou de espaço, para um grande número de fiéis. “Aqueles, porém, que não estão *de joelhos durante a consagração, fazem uma inclinação profunda enquanto o sacerdote genuflecte após a consagração*” (IGMR 43).

### **Antes da aclamação “Mistério da Fé” – logo depois da consagração e ostensão do cálice:**

M- O futuro que se espera é já presente no dom que se oferece. E a hora passada em que Jesus se entregava torna-se hoje dom que se renova. A comunidade cristã, celebra a Eucaristia, anunciando a Páscoa do Senhor, até que Ele venha. Tem, por isso, todo o sentido, que neste desejo ardente, aclamemos o mistério da nossa fé.

### **Antes do Pai-Nosso:**

P- “Há ainda um ponto sobre o qual gostaria de chamar a atenção, porque sobre se joga em grande medida a autenticidade da participação na Eucaristia, celebrada na comunidade: é o impulso que ela traz em si por *um empenho eficaz na edificação de uma sociedade mais equitativa e fraterna*». Não por acaso os que se aproximam do pão eucarístico, pedem primeiro o pão de cada dia. Invocar «venha a nós o vosso Reino», é também abrir as mãos, para a partilha do pão quotidiano.

### **À comunhão:**

M- Permaneçamos de pé, tanto quanto a saúde no-lo permitir. É um sinal de ressurreição, de respeito e de veneração, enquanto cada um dos fiéis, se aproxima em procissão para comungar.

### **Depois da Bênção Final – Antes da Despedida**

“Por que, então, não fazer deste **Ano da Eucaristia** um período em que as comunidades se empenhem de modo especial em ir, com obras de fraternidade, ao encontro de alguma das tantas pobreza de nosso mundo? Não podemos iludirmos: pelo amor mútuo e, em particular, pela solicitude por quem está necessitado seremos reconhecidos como verdadeiros discípulos de Cristo (cf. Jo 13,35; Mt 25,31-46). É com base neste critério que será comprovada a autenticidade de nossas celebrações eucarísticas (MND 28)!

## Homilia no XXXIII Domingo Comum C 2001

1. Dias de ira. De guerras e tumultos, de terremotos, fomes e epidemias, de perseguições, morte e execuções. A notícia do Evangelho tem dois mil anos e aconteceu há tanto tempo como isso. Mas bem podia servir de guia a um qualquer telejornal, destas últimas semanas. E todavia, pretende-se como anúncio de «boa-nova», palavra de alento e de confiança, em tempos de cólera e medo. É afinal um aviso sereno à navegação tumultuosa de todos os tempos. O mundo é, na verdade, um lugar imperfeito. É um campo de luta, de títulos a prazo e sem vitórias definitivas. Tudo se move. Um poder dá lugar a outro, uma certeza absoluta de ontem, cai por terra no dia de hoje. A segurança está desarmada. E o crime não compensa. A maldade traz no ventre o veneno da sua destruição. E mais dia menos dia, tem a sua hora e paga o seu tributo. Esse dia – diz o profeta - *«vem como fogo ardente e serão como a palha os soberbos e os que fazem o mal»*. Mas para *«os que temem a Deus»* e não têm medo dos Homens, *«nascerá o sol da Justiça»*.

2. Importa, sempre, não se deixar tomar de susto, nem deixar cair os braços. É preciso resistir e perseverar. Esperar e acreditar. «Acreditar e confiar que Cristo venceu o mal e continua a poder vencê-lo no coração de todos os Homens. Só são testemunhas desta esperança aqueles que acreditam no amor que o Espírito de Cristo depositou em nossos corações. E esta esperança é a mais revolucionária experiência do coração humano». Sob os escombros de um mundo velho que acaba, é preciso procurar as sementes de um mundo novo que começa. E levantar a cabeça para ver os sinais de um Deus que, silenciosamente, por aqui e por ali passa.

3. Talvez estes dias de ira tenham lançado Deus para a fogueira, das nossas dúvidas, revoltas e medos. Perante o cenário medonho da maldade, Deus parece cruelmente atado a uma grande teia de interesses mesquinhos e intimado a responder diante do tribunal e do julgamento dos homens: «*se és Deus, desce daí*», põe tudo isto na ordem, para acreditarmos em Ti. Assim, a questão de Deus, hoje mais do que nunca, ganha tempo de antena, mais sobre a forma de pergunta do que de resposta: «*quem é afinal Deus*»?

4. «Sabemos que o caminho para essa resposta é descobrir Deus, contemplando o rosto de Jesus Cristo, que nos amou até ao dom da própria vida. O Deus verdadeiro não se encontra na discussão. Encontra-se abrindo o coração ao seu mistério de amor. E tal só acontece se o nosso coração está aberto a esse amor infinito. Então Deus não se conclui. Deus acontece, irrompe como surpresa e transforma-se então no fundamento da nossa esperança». A nós cristãos, a quem foi revelado que Deus é amor, repugna-nos profundamente que se invoque o Santo Nome de Deus, para justificar a violência ou a morte. Mas também nos inquieta verificar que os que confessam que Deus é amor, não fazem tudo o que está ao seu alcance para construir o mundo novo».

5. É para ser anunciadores de Deus e servidores desta esperança que a Igreja precisa de Padres. De Profetas e Pastores, que ajudem a ler os sinais e a descobrir esta presença de Deus, na trama da história colectiva e nas teias da vida de cada um. Padres que lembrem ao mundo o seu carácter provisório e aos homens a sua vocação eterna. Peçamos, neste dia dos Seminários, ao Senhor, mãos que nos guiem, até sermos todos em Deus.

## Rádio XXXIII Domingo do Tempo Comum C 2007

**Entrada:** Bom Dia. E Bom Domingo, o 33º do tempo comum. Quase a atingirmos o termo do ano litúrgico, não admira que os textos bíblicos adquiram um tom e colorido que remetem para o futuro da Humanidade e de cada pessoa em particular. É um tema salutar o dos "novíssimos". Confronta-nos com a perspectiva do "Dia do Senhor", que há-de vir, alimenta a esperança de sermos recebidos por Ele e compromete-nos no testemunho que d'Ele devemos dar, enquanto aguardamos Sua gloriosa manifestação. A linguagem utilizada é típica do discurso profético sobre o final dos tempos: guerras, terremotos, fomes e epidemias e sinais alarmantes no céu. Tal cenário apocalíptico não se destina a apavorar as pessoas. Trata-se de um artifício literário para que tomemos a sério o mundo e a vida, nos empenhemos na sua transformação e acautelemos o fundamental da existência: o nosso destino eterno.

**Antes da 1ª leitura:** *Para vós nascerá o Sol da Justiça*, eis a promessa da profecia que vamos escutar.

**Antes da 2ª leitura:** Nada de pensar que o fim aí está e por isso esquecer o compromisso do presente. Lúcidas as palavras de Paulo.

**Antes do Evangelho:** Foi um apelo incisivo ao testemunho da fé.

**Depois da Homilia:** A tensão para o futuro e o compromisso no presente, presentes na celebração da Eucaristia, e nas atitudes de cada dia.

**Ofertório:** «Ao ouvir tantas coisas terrificantes, perturbar-se-iam os ânimos mais débeis. Por isso, o Senhor acrescenta logo: «Assentai, pois, no vosso íntimo em não preparardes a vossa defesa. Eu vos darei língua e sabedoria a que nenhum dos vossos adversários poderá resistir ou replicar». É como se quisesse dizer: não vos assusteis nem temais: vós descereis ao campo, mas serei eu a combater; vós movereis a língua, mas serei eu a falar. E acrescenta: «Sereis entregues até pelos vossos pais, irmãos, parentes e amigos e causarão a morte a alguns de vós». Os males infligidos por estranhos fazem sofrer menos. Fazem-nos pior as penas que nos vêm daqueles que supúnhamos que nos queriam bem, porque ao mal do corpo se acrescenta a dor da amizade perdida... Mas porque é duro aquilo que diz da aflição, da morte, o Senhor acrescenta logo a ideia da ressurreição, dizendo: «Mas, da vossa cabeça, nem um cabelo se perderá». Sabemos, irmãos, que um corte na carne dói, o corte do cabelo não dói. E o Senhor diz aos seus mártires: «Mas, da vossa cabeça, nem um cabelo se perderá», querendo significar: Porque temeis perder um membro que dói ao ser cortado, quando há uma

promessa de que nem sequer ficará perdido aquilo que, ao cortar-se, não dói? » (S. Gregório Magno, Homil. 33, 3).

**Comunhão:** O tempo do Reino é este? A pergunta significa também: que sentido tem a nossa história que parece continuar sempre na mesma? Qual é a salvação proposta a este mundo tomado pelo mal? Jesus responde. E diz-nos em primeiro lugar: «Não vos compete conhecer os tempos e os momentos que o Pai reservou para a sua escolha». Isto significa que os tempos e as oportunidades do Reino estão totalmente nas mãos daquele em quem podemos ter confiança, porque é nosso Pai e Senhor da criação. O Reino de Deus é de Deus e não do homem! Isto basta-nos para nos libertar da ânsia e do medo. Deus é, (existe e actua) antes deste mundo e desta história; somente ele a conhece até ao fim e a conduz a favor de todos os seus filhos que ama infinitamente. É necessário abandonar a ideia de um tempo ou de um momento privilegiado no qual começa o Reino ou acaba o mundo. O único tempo privilegiado é só aquele que existe: o momento presente no qual somos chamados a viver como filhos e como irmãos. Quem sonha com outros tempos rouba à fé cristã a sua conexão com a realidade». (C. Martini, Dicionário Espiritual, 155-156)

**Final:** (algum excerto da homília)

Uma crónica negra de desgraças, a somar àquelas que já conhecemos. Sinais a que já nos habituamos, em tempos de crise e de sofrimento. Uma leitura apressada da Palavra de Deus e entraríamos em pânico. Em vez de se tornar anúncio de esperança, o Evangelho seria profecia da desgraça. Mas não é assim. O cenário «apocalíptico» que nos foi descrito não se destina a apavorar-nos. Trata-se de um modo de dizer, para que tomemos a sério o mundo e a vida, para que nos empenhemos na sua transformação e acautelemos o fundamental da existência: o nosso destino eterno.

De resto, o que aqui está dito como futuro já é para nós passado e será sempre presente. O Evangelho põe a claro que em todos os tempos, a história e o mundo manifestam sinais de crise, de sofrimento, de incerteza. **É de todos os tempos** a crise, o ruir de um sistema para dar lugar a outro, a falência de um projecto em nome de outro, a indisposição da natureza no seu evoluir. Nenhuma época da história **esteve imune da crise**, nenhum tempo determinado cumpriu plenamente o desígnio de Deus para o mundo. Por isso, é *falso alarme* querer partir dos sinais deste tempo para anunciar o fim, para aterrorizar a consciência, para estimular o medo, como o fazem algumas seitas, na mira de manipular os fiéis, pela força do temor. O Evangelho faz-nos estar no mundo sob o **signo da esperança**. Dele emerge uma sabedoria de vida, que poderíamos resumir assim:

1. Frente ao *engano e à confusão* dos que nos querem precipitar no terror, pelo medo do fim, há que ter **lucidez e discernimento**. Em vez de darmos ouvidos a profetas da desgraça, abrimos os olhos aos sinais da graça que Deus nos oferece em todo o tempo. Saber discernir o que ouvimos e de quem o ouvimos. Palavras de terror nunca podem vir de profetas da esperança.

2. Frente ao *pânico e à precipitação* a que muitos «magos e adivinhos», odiosos charlatães, vendilhões de promessas baratas, nos querem conduzir, há que viver com **serenidade e paciência**. Serenidade, porque toda a crise e toda a desordem fazem parte da ordem natural de um mundo ainda por acabar. E paciência porque a eternidade de Deus não lhe

permite irritar-se facilmente, como nós, com o ritmo lento de crescimento. Sejam embora preocupantes os sinais, agrave-se a instabilidade das sociedades ou gere-se o pânico nas economias a nível mundial, como é o caso presente, o cristão deve assumir uma postura serena e alargar o espaço para a esperança. Tão pouco deve assustar-se por se ver no final do milénio.

3. Frente à *perseguição e à cobardia*, daqueles que nos afrontam ou daqueles que fogem à sua responsabilidade, **a fortaleza e o testemunho**. O espectro do fim não pode conduzir-nos à ociosidade de uma vida fútil, mas ao trabalho dia e noite, ao compromisso quotidiano na edificação de um mundo novo. Quanto a nós, de cabeça levantada, agarraremos *a hora que passa*, abraçando a vida como um tempo de graça, para nos apaixonarmos pelo que é nobre, por certezas e valores que mudem a face da terra...

4. Frente ao *desânimo e à desistência*, dos que deseperam por não ver os frutos do seu esforço, **a esperança e a perseverança**. Deus não nos desilude. A esperança, porque o Senhor sustém a história e é fiel à humanidade. A perseverança, porque o Senhor vela por nós e *nem um cabelo da nossa cabeça se perderá*.

Às portas do terceiro milénio, não faltarão nas praças do mundo e nos corredores da Igreja, profetas da desgraça a anunciar o fim, a desesperar consciências. *Não vos deixeis enganar*. Os cristãos têm hoje a nobre e difícil missão de viver e anunciar o essencial, de não cair na tentação de elaborar projectos a curto prazo, pois a sua vida está cheia de algo que perdura. E se formos, por causa disso, perseguidos pelo riso cínico deste mundo, desde há muito que estamos prevenidos. O Sol da Justiça iluminará a uns e queimará a outros. *Pela vossa perseverança é que salvareis as vossas Vidas!*

Uma crónica negra de desgraças, a somar àquelas que já conhecemos. Sinais a que já nos habituamos, em tempos de crise e de sofrimento. Uma leitura apressada do Evangelho e entraríamos em pânico. Em vez de se tornar anúncio de esperança, o Evangelho seria profecia da desgraça. Mas não é assim. Não é ainda o fim. Não estamos à beira do abismo. O Evangelho põe a claro que em todos os tempos, a história e o mundo manifestam sinais de crise, de sofrimento, de incerteza. É de todos os tempos a crise, o ruir de um sistema para dar lugar a outro, a falência de um projecto em nome de outro, a indisposição da natureza no seu evoluir. Nenhuma época da história esteve imune da crise, nenhum tempo determinado cumpriu plenamente o desígnio de Deus para o mundo. Por isso, é falso alarme querer partir dos sinais deste tempo para anunciar o fim, para aterrorizar a consciência, para estimular o medo, como o fazem algumas seitas, na mira de manipular os fiéis, pela força do temor. O Evangelho faz-nos estar no mundo sob o signo da esperança. Dele emerge uma sabedoria de vida, que podíamos resumir assim:

1. Frente ao *engano e à confusão* dos que nos querem precipitar no terror, pelo medo do fim, há que ter **lucidez e discernimento**. Em vez de darmos ouvidos a profetas da desgraça, abrimos os olhos aos sinais da graça que Deus nos oferece em todo o tempo. Saber discernir o que ouvimos e de quem o ouvimos. Palavras de terror nunca podem vir de profetas da esperança.

2. Frente ao *pânico e à precipitação* a que muitos «iluminados deste mundo» nos querem conduzir, há que viver com **serenidade e paciência**. Serenidade, porque toda a crise e toda a desordem fazem parte da ordem natural de um mundo ainda por acabar. E paciência porque a eternidade de Deus não lhe permite irritar-se facilmente, como nós, com o ritmo lento de crescimento.

3. Frente à *perseguição e à cobardia*, daqueles que nos afrontam ou daqueles que fogem à sua responsabilidade, **a fortaleza e o testemunho**. Os tempos de crise medem a nossa fidelidade e testam as nossas energias. O espectro do fim não pode conduzir-nos à ociosidade de uma vida fútil, mas ao trabalho dia e noite, ao compromisso quotidiano na edificação de um mundo novo.

4. Frente ao *desânimo e à desistência*, dos que desesperam por não ver os frutos do seu esforço, **a esperança e a perseverança**. Deus não nos desilude. A esperança, porque o Senhor não nos faltará com a sabedoria para respondermos diante do mundo. A perseverança, porque o Senhor vela por nós e *nem um cabelo da nossa cabeça se perderá*.

Às portas do terceiro milénio, não faltarão nas praças do mundo e nos corredores da Igreja, profetas da desgraça a anunciar o fim, a desesperar consciências. Não vos deixeis enganar. Nós vislumbramos neste «inverno» da Igreja e do mundo, um raio de sol a despontar para uma Primavera do Espírito. “Se a minha visão está carregada de esperança, é porque creio no Evangelho de Jesus Cristo, nas suas promessas; creio na graça libertadora e reparadora do Espírito. Quero afirmar que esta minha visão corajosa nasce sobretudo da esperança e da confiança nas promessas de Deus ”(B.Häring). “*No dia que há-de vir, nascerá o Sol da Justiça, trazendo nos seus raios a salvação*”. Esta é a nossa esperança!

### Homilia no XXXIII Domingo Comum C 1992

1. Acreditar em tempos difíceis!

“Será que Deus ainda nos ama?”; “Será que ainda terá interesse servir a Deus”(cf.Mal.1,1;3,17)?\_São perguntas que brotam de um novo povo desanimado, desiludido, indiferente e apático, numa Terra que parecia prometer tudo e não dá nada. Vem o povo hebreu de regresso à Palestina, depois de duros anos de exílio. Quando tudo parecia apontar para um tempo de prosperidade, uma nova era de paz e justiça, eis a triste sorte dos fracos. Fiéis ao seu Deus, empobrecem, são marginalizados. Enquanto isso, os ímpios (pecadores) prosperam na abundância, a pérsia ameaça de novo, o templo nunca mais acaba de se reconstruir... Será que vale a pena ser fiel? Será que Deus não vê e pactua com a injustiça? Dificuldades grandes em tempos de incerteza, de perturbações sociais, políticas e religiosas. Deus é posto em causa.

São questões e dificuldades que também hoje nós pomos. Dificuldades neste tempo em que vivemos. Custa-nos ver prosperar os infiéis e ficamos para trás. Por sermos coerentes e fiéis. Custa-nos aceitar a paciência e o ritmo de Deus que parece não intervir a nosso favor. E são muitas as dificuldades! A maior parte vem de dentro de nós, nascem no interior de cada um, diante das exigências do evangelho. Se o levarmos a sério, a luta é a sério. Se pomos a nossa confiança em Deus, o mundo ri-se de nós. Não nos compreende. Acha-nos de outro tempo. Não se interessa por valores, princípios, práticas e tradições, para nós “inquestionáveis”, “absolutas”. Há também situações de ruptura, com a fome a dizimar povos, a miséria a sepultar multidões, a guerra a aniquilar nações. Parece que Deus está tão distante e, não fora o medo de o contestar, gritaríamos contra Ele. “Será que Deus ainda nos ama; será que ainda terá interesse servir a Deus”?

## 2. A esperança que vem da fé!

Não são de agora estas dificuldades. Desde o tempo em que o Senhor nos deixou a missão de o testemunhar, a perseguição bate à porta. Sem dó nem piedade. E

quase sem darmos conta. Mas ela faz parte da condição do discípulo! O Senhor Jesus não nos iludiu! O quadro que hoje nos traça do futuro é afinal o presente contínuo da Igreja. Sempre em luta contra os sinais de mal na história, sempre activa, trabalhando com perseverança até ao dia que o Senhor voltar.

A todos o Senhor responde. Ele não nos deixa sem resposta: Para os que permanecem na fé e na confiança, “o Senhor virá como sol de salvação”. Para os que viveram fora de Deus, o fogo destrui-os-á como à palha, porque não tem consistência, não tem miolo. São como canas agitadas pelo vento. Só no fim da história o homem poderá estar diante da Verdade. E só diante da Vida plena, verá que o caminho do justo conduz à salvação.

Jesus prepara-nos para o embate e para o combate da fé. Não nos passa uma apólice de seguro com o baptismo. Não nos faz render mais a conta no banco por participarmos na eucaristia. Não nos dá lugares importantes pelo facto de o servirmos. Dá-nos a sua vida. Dá-nos ocasião de testemunharmos (, no meio das desilusões, das injustiças e das perseguições,) os valores altíssimos do Reino de Deus. Enquanto a história não chega ao seu “acabamento” final, à plenitude, a Igreja está no mundo como sinal, como comunidade, templo, porque feita de homens e mulheres onde o Senhor tem o primeiro lugar.

Deus não nos abandona, mesmo quando tudo parece cair. Cai o templo de Jerusalém, caindo com ele o judaísmo. Mas o sinal da proximidade do fim está na luta firme e feroz que o mundo oferece à Igreja. Mas ninguém está só. Deus está connosco. Ele mesmo a destruir pedra sobre pedra do que não presta em nós, para reedificar em nós a presença do seu Filho.

3. Padres, profetas da esperança:

Abalada pelas crises que vivemos, a Igreja ressuscita com o florescer de mais vocações ao sacerdócio na nossa diocese. Elas brotam de comunidades vivas, que testemunham com ousadia o evangelho. Nascem padres em famílias que confiam no Senhor. Fazem-se padres em Seminários, que são escolas do evangelho. Nossos e para nós, põem no mundo profetas de esperança, que gritam no deserto da dor e do medo a esperança de nós nos faça trabalhar por mais e melhores padres para este tempo. E que brotem da nossa terra!